

XVII JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

DESAFIOS ÉTICO-POLÍTICOS CONTEMPORÂNEOS PARA A EDUCAÇÃO



GOVERNAMENTALIDADE ALGORÍTMICA E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES: UM PSICOGRAMA A PARTIR DE RASTROS DIGITAIS

Julia Maria Nunes

Universidade de Santa Cruz do Sul

Eixo 5 – Trabalho, tecnologias, ética e processos formativos

A coleta e o processamento de dados tornaram-se ações de suma importância para a sociedade atual, que cada vez mais conectada, necessita desses serviços para aprimorar sistemas de inteligência artificial, algoritmos, plataformas e aplicativos. A necessidade de produção destes dados aumentou em grande escala, sendo desenvolvidos desde rastros deixados por usuários na internet até aqueles retirados de textos, documentos acadêmicos e jurídicos, de imagens, sites de notícias, entre muitos outros. Cabe aqui pensar: Como essa produção massiva de dados impacta na produção de subjetividades em um contexto de governamentalidade algorítmica? Para isso, irá se analisar resultados sobre o crescimento do uso de dados a partir de 2010, com o objetivo de compreender como este aumento expressivo passou a fazer parte do cotidiano dos indivíduos e como os algoritmos têm agido na produção de subjetividades.

De acordo com Fábio Duarte (2025), a estimativa de dados criados, que são aqueles gerados, capturados, copiados ou consumidos, por dia no mundo é de 402,74 milhões de terabytes, o que equivale a 402,74 bilhões de gigabytes. Para pensar em perspectiva, no ano de 2010 foram gerados apenas 2 zettabytes de dados, tendo crescido esta geração de pouco a pouco ao longo dos anos. Em 2020, ano em que iniciou a quarentena por conta da pandemia de Covid-19, foram gerados 64,2 zettabytes, enquanto em 2022, ano em que foi lançado o ChatGPT, entre outras IAs (inteligências artificiais), foram gerados 97 zettabytes.

Essa volumosa produção chama a atenção, visto que em 2023 houve um aumento para 120 zettabytes e a expectativa para o ano de 2025 é que este número chegue a 181 zettabytes. A ascensão na produção de dados se deu, principalmente nos últimos três anos, por conta do desenvolvimento das inteligências artificiais, que necessitam de grandes quantidades de informações para que o seu treinamento e funcionamento sejam efetivos.

Esses dados são criados para além dos já citados sites, revistas, imagens e textos, também sendo provenientes de rastros deixados pelos usuários na internet (Alves; Andrade, 2022). O tempo gasto em cada página, quantos cliques são dados e quais são os alvos de interesse, as atividades nas redes sociais, quais postagens recebem likes, em quais tipos de vídeos os usuários ficam mais tempo, os aplicativos que são escolhidos para serem baixados no smartphone, os percursos regis-

trados em aplicativos de vida fitness, quais alimentos são apontados no aplicativo de contagem de calorias, as descrições sobre o período menstrual, etc. Tudo se converte em dados, desde as ações mais simples, criando o que Byung-Chul Han (2023) apresenta como um psicograma individual e conseqüentemente um psicograma coletivo.

Analisando os efeitos dos dados sobre a população, os autores Thomas Berns e Antoinette Rouvroy, baseados no conceito de governamentalidade de Michel Foucault, lançam o conceito de governamentalidade algorítmica, buscando compreender como os dados agem sobre as pessoas, produzindo as suas subjetividades. Dessa forma, eles afirmam que:

Por governamentalidade algorítmica, nós designamos, a partir daí, globalmente um certo tipo de racionalidade (a)normativa ou (a)política que repousa sobre a coleta, agregação e análise automatizada de dados em quantidade massiva de modo a modelizar, antecipar e afetar, por antecipação, os comportamentos possíveis (Rouvroy; Berns, 2015, p. 42).

O interesse neste mapeamento da coletividade social parte da intenção de criação de perfis que orientam os conteúdos consumidos pelos usuários da internet, compreendendo os seus gostos e desejos, o que possibilita uma visão por inteiro dos indivíduos e a personalização de tudo que é acessado diariamente. Como apresenta Han (2023), vivemos uma Psicopolítica, ou seja, uma política que age a partir dos dados sobre os indivíduos, onde o sistema conduz a psique dos sujeitos, que passam a experienciar bolhas de informações e tendo silenciosamente sua liberdade afetada. Alves e Andrade (2022) ainda afirmam que “a originalidade da governamentalidade algorítmica recai sobre o fato de que ela não se sustenta sobre normas impostas pelo Estado, mas nos inúmeros rastros estatísticos de atitudes e comportamentos individuais dispersos pelo mundo digital.” (Alves; Andrade, 2022, p.1014), o que compactua com o que Han descreve sobre a sociedade atual, em que:

Hoje, caminhamos para a era da psicopolítica digital, que avança da vigilância passiva ao controle ativo, empurrando-nos assim, para uma nova crise da liberdade: até a vontade própria é atingida. Os big data são um instrumento psicopolítico muito eficiente, que permite alcançar um conhecimento abrangente sobre as dinâmicas da comunicação social. Trata-se de um conhecimento de *dominação* que permite intervir na psique e que pode influenciá-la em um nível pré-reflexivo (Han, 2023, p. 23).

Dessa forma, os indivíduos têm as suas subjetividades afetadas, conduzidas por algoritmos que longe de uma neutralidade, trazem consigo muitos significados. A linguagem que se transforma em material para alimentar os *big data* é repleta de intenções, pois “não há territórios neutros para a linguagem, e toda coleção de textos também é um relato sobre tempo, lugar, cultura e política” (Crawford, 2025, p. 136). Tudo que alimenta os *big data*, traz consigo marcas do seu tempo histórico.

Assim, os usuários da internet adentram um mundo no qual se sentem livres para consumir o que querem e muitas vezes não percebem o poder que está sendo exercido sobre eles, por esses sistemas. Isso porque, “diante da comodidade oferecida pelas novas tecnologias, parece haver certa cumplicidade tácita dos indivíduos em seguir suas trilhas digitais, entregando seus dados a todo momento, sem qualquer questionamento ou resistência correspondente” (Alves; Andrade,

2022, p. 1008). E como resultado, desenvolve-se uma sociedade da transparência, onde tudo fica exposto, onde os sujeitos se sentem livres para compartilhar e autônomos para escolher.

Han (2023) faz um paralelo interessante entre o Panóptico de Bentham e um Panóptico digital. No Panóptico Benthamiano, os internos são observados a todo momento, mas ainda assim, existem questões que escapam ao monitoramento. Enquanto no Panóptico digital, a exposição é comum e os internos fazem isso por conta própria. Essa liberdade que os encoraja, é o que permite o monitoramento da sua individualidade, dos seus gostos e desejos. “A sociedade digital de controle faz uso intensivo da liberdade. Ela só é possível graças a auto revelação e à autoexposição voluntários” (Han, 2023, p. 19).

Feita esta leitura, compreende-se que o sistema de produção de dados feita pelos indivíduos todos os dias, de forma livre e espontânea, só funciona, pois não há uma norma ou imposição feita pelo Estado. Ela é apolítica, reforçando a falsa sensação de autonomia do sujeito. Os algoritmos e as inteligências artificiais que usufruem desses dados, exercem exatamente o oposto do que percebem os sujeitos, eles antecipando os desejos, indicando quais os próximos conteúdos a serem consumidos, quais os próximos produtos a serem comprados, quais os próximos pontos turísticos a serem visitados. Este texto é o início de uma pesquisa, que pretendo aprofundar os estudos sobre os dados e os seus impactos nos indivíduos e consequentemente na coletividade social, mas que já aponta a seriedade da forma como agem os algoritmos sobre a subjetividade dos usuários no mundo digital.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Governamentalidade Algorítmica; Algoritmos; Inteligência Artificial; Dados.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marco Antonio Souza; ANDRADE, Otávio Morato de. **Autonomia individual em risco?** Governamentalidade e a constituição do sujeito algorítmico. São Paulo: Caderno Metrópole, set/dez 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cm/a/MhymSLPFzLcpSbWFcYBdpqy/>. Acesso em: 17 ago, 2025.

CRAWFORD, Kate. **Atlas da IA**. São Paulo: Editora SESC, jul 2025.

DUARTE, Fábio. **Amount of Data Created Daily (2025)**. Exploding Topics, 24 abr, 2025. Disponível em: <https://explodingtopics.com/blog/data-generated-per-day>. Acesso em: 13 out, 2025.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2023.

ROUVROY, Antoinette; BERNIS, Thomas. **Governamentalidade algorítmica e perspectiva de emancipação: o díspar como condição de individuação pela relação?** Revista Eco pós, V. 18, N. 2, p. 36-56, 2015. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/2662/2251. Acesso em: 9 ago, 2025.